

Pão Nosso...

Porto, 13 de Julho de 1910.

N.º 13

SUMARIO:

- I.—UMA TAVERNA.
- II.—CANALEJAS E TEIXEIRA DE SOUZA.
- III.—OS VENERANDOS DO SUPREMO.
- IV.—OS PADRES DE VISEU.

Uma taverna

Um corpo docente hidrofobo. — Governo do reitor Oliveira Lima. — As leis escolares em trapos. — O bufo, o sindicante e o continuo. — Negativa do indulto, e um agradecimento encravado.

Por começos da semana finda, uma nota emanada do Conselho Superior de Instrução Publica, e que surdamente tamborilou nos periodicos, resava:

— «Foi mandado arquivar o processo e acórdam do Conselho Escolar do Liceu D. Manuel II do Porto, ordenando-se que sejam admitidos a exame, os alunos castigados.»

A decisão do Conselho Superior anula a sentença que de caldeirada condenara 191 estudantes. Estralejou a bofetada no cordovão ou no atanado dos carões da mestrança liceal. Mas á flôr da coirama lhes não ondeou purpura de sangue ou de vergonha. Quedaram-se frescos como os linhos regados, na candura da inconsciencia depurada no crisol da estupidez.

* * *

E' que o Liceu D. Manuel II não pode chamar-se alfandega banal de despachar fardos d'exames. E' um alcoice de más letras e mau exemplo, onde os mestres se esfolam até a propria reputação sangrar em carne viva.

Tres grupos distintos transformaram a casa d'ensino em redondel de cavalladas. O corrilho que tem por cabeça o sr. Ribeiro Nobre, com logares-tenentes como o sr. major Rodrigues, pato mudo de manhas caladas, e o sr. Joaquim dos Musicos, arqueologo fossador da Renascença, e critico musical que se deleita nas fantasias para piano bebedo.

Acaudilha o bando inimigo o sr. Cambezes, e nele galra sandices Evaristo Saraiva, a alimária mais esparavonada e de mais resaidos alifafes da caudelaria.

Na sombra das duas guerrilhas move-se a hoste dos neutros. Uns, indiferentes razos; outros amorfos, outros aproveitadinhos no esgrimir pau de dois bicos.

Espumam os odios e as intrigas refervendo em cachoeira. Detestam-se e abocanham-se os mestres. Rasgaram cortezias; a mór parte não se cumprimenta. Pelos angulos dos corredores, na sala d'espera, a todo o momento se acamaradam aos dois e aos tres, recozendo insidias contra os colegas, mordendo-se na honra e pundonor profissionaes, chocalhando mexericos, como nas poisadas de adufas verdes em que fraldejam damas á espera das visitas que nunca marcaram a hora da chegada. Silva em cada recanto um môlho de viboras.

Os estudantes, sempre agudos no espulgar os senões dos mestres, saboream aquellas inimisades, de que, com frequencia, pagam as custas, e servem de vitimas. Mas, de companhia, em sua alma cresce o desprêso pelos sacerdotes do ensino. Do liceu apenas guardam a lição experimental de que passaram por uma pocilga de cochinadas.

E fantasiem, agora, os paes, os tratos de polé que a justiça, as recompensas, os castigos, a disciplina e a educação, ali hão-de sofrer, até se tornarem esfarpados trapealhos.

*

* *

A nomeação do nôvo reitor, Oliveira Lima, fôra elle pessoa de capacidade, habil e ductil, conseguindo manter-se imparcial entre os dois partidos, atenuaria um pouco o mal. Porém se elle alcançou uma cadeira na Escola Medica por saber marcar a retroz e bordar a missanga! Vê lo e ouvi-lo é apreciar um caixeiro de loja de modas, de caninos ao léo num contrafeito sorriso mercantil, explicando a dama pechosa: — «Oh! mas veja V. Ex.^a que este veludo é todo de sêda!» E cada s da frase arrasta nos sibilos, tres metros de cauda.

Despachado reitor, filiou-se no corrilho de Cambezes-Evaristo. Scientifica e pedagogicamente, vale mais um servente de qualquer escola primaria. A administração financeira do liceu, tem acrescido em despezas inuteis para o Estado. Está na forja um escandalo absurdo, que o reitor quer levar a cabo, só para prejudicar um dos professores contrários, aliaz tão envisgada personagem como elle.

Da legislação escolar, nem conhece os preceitos rudimentares. Ha poucos dias, um titular residente nesta cidade, amigo politico e pessoal do presidente de ministros, com um regulamento nas mãos, provou-lhe que elle o ignorava, e que certa disposição illegal na lista dos alumnos só obedecia ao principio de favoritismo em beneficio duns estudantes, prejudicando outros.

O serviço de secretaria não se executa nos prazos prescritos, e anda a monte. Proibe a lei rigorosamente, que os mestres, secretario, ou pessoal do quadro dos liceus lecionem em particular.

Compreende-se o motivo, destinado a impedir que a influencia desses funcionarios se exerça de portas adentro, em prol dos seus discipulos pagantes, e contra os que o não são.

Pois o secretario do liceu ensina em dois dos principaes collegios da cidade e é proprietario dum terceiro. Na secretaria, organisam-se as series de chamada para exames, de maneira que os estudantes protegidos caibam a juris da côr.

O' paes e mães da caridade! Que vos parece o sistema pedagogico? Ponde, contudo, surdina nos protestos, senão entra-vos pelos telhados chuva de reprovações que dura uma eternidade, mais metade doutra!

*

* *

Foi Oliveira Lima, no seu papel de bufo monarchico e medico da Liga Monarquica, que ao quartel general denunciou em officio um estudante militar, Fernando d'Araujo, acusando-o de republicano, e de trajar ao civil com gravata de vermelhão derretendo jacobinismo no brancor da camisa. Submetido o academico a conselho de disciplina militar, *provou-se irrefragavelmente*, que a denuncia do reitor era um cabaz de falsidades.

Então o defensor officioso fustigou á dura os processos d'espionagem e delação da reitoria. Mas ninguem deu tento que no estanho da face do inventor de falsos testemunhos brotassem rosêtas.

Foi Oliveira Lima que nomeou o sindicante Evaristo Saraiva, o balde de despejos. Houve alunos que justificaram a falta, e Evaristo mantêve a acusação. Houve alunos que se recusaram a responder, e Evaristo não os incluiu no rol da alçada!

Mas, o mais repugnante do caso é que contra os estudantes condenados a penas maiores, *não se fez prova alguma*. Oliveira Lima ante o conselho explicou: — «Não existem provas. Só uma acusação do continuo Bastos. Se o conselho dêr um voto de absoluta confiança ao continuo, condenemos.»

Soou uma observação: — «Juridicamente é nulo. Mas se o conselho confia...eu cá não vou contra.» Assim discorreu um bacharel formado em direito, conhecido pela alcunha de Pires de Lima!

Ora o continuo, um tal Bastos, malandrinesco batoteiro eleitoral, cacique de relaxado grao, sugava a bolsa aos estudantes. Cardava-lhes os tostões, que a correr tilintava no balcão da baiuca mais proxima, regando a alma a cantaros de pinga, porque lá diz Salomão: — «O espirito triste séca os ossos.»

O conselho depositou a sua confiança na adega do educador Bastos, para lhe conservar a virtude. E o educador decidiu desferrar-se de todos os que fugiam ao seu tributo de guerra, e não o ajudavam a engordar os ossos.

*

* *

Arma-se tempestade na imprensa, em censura violenta ás decisões parvoas do conselho escolar. Oliveira Lima, que nunca sabe onde põe os pés senão quando lhe doem as mãos, viu de relance a asnidade cometida, e suas consequencias.

Então os do seu bando aconselham a petição d'indulto. Deita-se a Lisbôa para estrear uma esbelta sobrecasaca que não trazia a cote.

Embaraços na direção geral. Audiencia do respetivo ministro. O reitor oculta-lhe o facto dos criminosos serem condenados sem provas. Porém o sr. Dias Costa, ao ouvir falar de indulto, sacudiu a cabeça e com irritação atalha :

— « Indulto! Mas é preciso a reunião do Conselho d'Estado, e o sr. imagina que reunir o Conselho d'Estado é reunir lá o conselho escolar do seu estabelecimento? Ora adeus! Tal não faço. Melhor e unica volta: pregar com o mono do processo no conselho d'instrução, e *se poder ser*, arquivar-se ».

Murcho e de vergas caidas, regressou o reitor. Quando, ha dias, se recebeu a nova de que lá se conseguira abafar aquelle rôlo d'infamias, Oliveira Lima, em ação de graças, e já perdidas as suas illusões franquistas, propõe no liceu D. Manuel, em reunião do conselho, um telegrama de felicitação ao sr. Teixeira de Souza, pela sua subida ao poder.

Ia havendo cadeiras em fatias. Mestre Bonifacio urrou. Que aquillo não era uma corporação politica! Que protestava! Que caía o céu e morriam as cotovias!

Oliveira Lima encolheu-se. E' de borracha recosida! Entrementes, para tirar desforra dos roncões de Bonifacio, quer alugar o predio visinho do liceu, que parece uma tóca de formigas,

e d'onde o tribunal do 3.º distrito ha annos tentava fugir, por ali só haver cubiculos. Desta maneira os dois predios da familia de Bonifacio em que agora funcionam aulas, ficam desalugados e desvalorisados na renda.

São desta ordem os altissimos problemas da instrução que lá preocupam a mentalidade do corpo docente.

Chiça!

Canalejas e Teixeira de Souza

Gigantes e cabeçudos. — O anticlericalismo de Canalejas. — Profecias tristes. — Sem esperar desenganos.

España es, sin duda alguna, el país en que la libertad tiene más arraigo. En todas partes se sostiene por los liberales; aqui á pesar de ellos.

Jacinto Benavente.

« Pelos chavelhos de Satanaz e pelas barbas do Padre Eterno... » — tal juravam nas novelas romanticas os infanções de alma precíta, quando precalço de monta lhes cortava seus propósitos de maldição. Tal hoje praguejo eu, só de lembrar-me que alguém me atribua a intenção de jungir em paralelo retórico D. José Canalejas e Teixeira de Souza.

Não os comparo. Assento apenas coincidencias de tempo. E que comparações excogitar entre um espirito de subtil dialectico, cultura vasta e moderna, eloquencia pautada pela dos grandes parlamentares inglêses, e o sr. Teixeira de Souza, cerebro esquinudo de camponês bronco e marruaz, produto lidimo da regedoria sertaneja?

Ambos concordam na afirmação de que governam com as esquerdas democraticas. De Teixeira de Souza dizem os órgãos que representam o partido do seu antecessor, que subiu ao poder por uma conspiração palaciana.

De Canalejas veio a publico, em carta escandalosa Moret referir, que uma conspiração de Palacio o alcandorára a primeiro ministro. Os dois representam, por conseguinte, um méro lance do poder pessoal.

E porque na Espanha, republicanos, socialistas e anarquistas conduziram ameaçadoras e nunca vistas manifestações de ruas contra o clericalismo, teimam os liberaes monarchicos da nossa terra que devemos apoiar o atual governo. Donde arrancaram o escolio? Por que artes do raciocinio deduziram essa argumentação? Em que asseguram a paridade?

* * *

Nossa ignorancia é desconhecimento dos homens e coisas, do genio e dos acontecimentos do país fronteiro, orça pelo absurdo. Parece que na raia se alongam as paredes da muralha da China.

Ouve-se agora falar do liberalismo de Canalejas como se elle fôra Jules Ferry, Combes ou Clémenceau!

Por certo cantam, na carreira parlamentar de Canalejas, hinos á liberdade. Nem no seu ativo escasseiam rompantes eloquentes d'anticlericalismo, com a galhardia altiva do castelhano, picando a garfo migalhas de D. Quijote.

Mas nós devemos contrapôr, na frialdade do juizo, que a Espanha é a terra mãe da eloquencia sonora e avassaladora, e que todo o espanhol nasce grande e turbulento orador.

Numa serie de esbocetos ligeiros, publicados sob o titulo de *Gigantes y Cabezudos*, dest'arte, um dos poetas modernos de seiva mais original, debuxava o perfil de Canalejas:

Los ojos se te van á la vision moderna :
 Pero, indolente y muelle, la duda te gobierna,
 Y tu liberalismo tiene atado los pies,
 Como el racionalismo de un obispo francés.

Tienes la visión clara de los tiempos que vives :
 Eres de ellos hablando y de ellos quando escribes ;
 Pero tu voluntad, vagamente felina,
 Pasa el tiempo durmiendo detrás de la cortina.

Tu gran movilidad tiene los aspavientos
 Del gato que recorre vacíos aposentos,
 Llevando un cascabel colgado del collar,
 Que despierta á la gente y á él le obliga á escapar.

Te hablo, en rojas visiones, de los rojos países ;
 De muerte son los brazos que te aprietan, Ulises,
 Sobre tu propria nave morirás solitario,
 Y las algas de invierno han de ser tu sudario...

Canalejas — alma de cardeal italiano, com seduções e saltos de pantera, dentro duma vontade abulica.

De quando em quando agita o seu cascavel d'oiro, que logo amortece... prudente... timorato... cauteloso...

*

* *

Não aturam as paginas escassas destes folhetos — pobres farrapos onde vae tanto amor e que tão estereis resultam! — a historia das lutas anticlericaes em Espanha. Duas notas sobram. A extinção das ordens e congregações religiosas que Joaquim Antonio d'Aguiar em Portugal cometera em 1834, repercutiu-se na Espanha em 1837 com Mendizábal no poder.

Em 1854 uma concordata com Roma, permitiu apenas o restabelecimento de tres ordens religiosas, e ministros reaccionarios como Narváez e Bravo Murillo, eram intransigentes na materia. Não tragavam frades.

Mas a restauração afonsina acarretou milhares de congreganistas e religiosos de todas as côres. O jesuita governa no palacio do Oriente, no ensino, e na alta banca catalã. Foi o famoso padre Coloma um oraculo no paço. Os padres da companhia, Vicent e Gubern fixeram a coligação hibrida da *Solidaridad Catalana*, onde morreu o prestigio de Salmerón, pela sua aliança com os inimigos da liberdade.

Houve um momento, na celebre crise de março de 1902, em que os chefes liberaes Vega d'Armijo, Moret, Weyler e Cana-

lejas, rennidos com Sagasta, celebraram o que na Espanha se chamou *pacto-programa*.

E deliberaram que se expulsassem os jesuitas; que se impedisse o ensino aos membros das congregações; que se lhes proibisse adquirir imoveis (a não ser o edificio da residencia); que se dissolvessem as associações em que predominassem os membros estrangeiros: que a autoridade civil tivesse inspecção, vigilancia e fiscalisação, efetivas e constantes, sobre todas as casas religiosas; que fossem nulos todos os actos de doação entre vivos e os testamentarios, a favor de «interpostas pessoas;» que nenhuma comunidade ou congregação pudesse formar-se sem lei especial feita em côrtes, etc., etc.

E que applicação deram Canalejas e os outros aos numeros desse rol de promessas? O mesmo que os liberaes de cá ao *pacto da Granja*.

Acaso, o Canalejas d'hoje fala na realisacão do prometido? Ingenua pergunta.

O anticlericalismo de Canalejas leva-o a ir todos os domingos á missa, com um grande e luxuoso livro d'horas nas mãos, como Castelar em sua ultima fase!

Ultimamente construiu uma capela dentro da propria casa!

Quando o bispo Guisasola insultou numa pastoral as filhas e mulheres de todos os que se registavam civilmente, os republicanos e socialistas promoveram em Alcoy, uma grande manifestação contra o mitrado. Pois o anticlerical Canalejas ordenou aos seus partidarios daquela cidade que defendessem o mamar-racho.

Canalejas não tocará num jesuita, não expulsará um congreganista, não suprimirá a iniqua e estupenda lei das jurisdicções, não desamortizará os bens da fradalhada, não laicizará o ensino, não secularizará os cemiterios, não irá até á revisão do processo Ferrer.

Levado ao poder pelo proprio Maura, aguardará que elle lhe faça o sinal da queda. Apresenta então um projecto radical, e ante os embaraços parlamentares, largará a pasta gloriosamente!

São os jesuitas do liberalismo. Tracejam reformas na fachada, deixam internamente o edificio tal o encontraram.

E' possível que o rei o chamasse, não só para comprazer aos conselhos dos reis estrangeiros por ocasião da sua estada na Inglaterra, como para o desacreditar.

E ainda o havemos de ver tão perdido no conceito publico, como o liberal Moret, principe da traição, tão culto, tão intelligente, de tão formosa eloquencia como elle.

*

* *

Teixeira de Souza — admitindo a hipotese de nelle perdurem uns tempos as doutrinas que o sr. Alpoim propaga — representa um *quite* feito aos republicanos. A monarchia não colheu proveitos dos governos de cacete, nem do papão duma ditadura militar. Vae ensaiar a brandura. Talvez o toiro popular se desvie na arremetida.

Quem não tosse risadas, observando a seriedade com que as folhas governamentaes nos prometem liberdade a rôdo, economia, moralidade, e meloaes nos cumes do Marão?

Os maiores mestres da monarchia portuguesa foram Buissa e Costa. Fracos meses de desafogo nos permitiram respirar, enquanto nos regios aposentos vagueavam as sombras dos regicidas. A clericalha acobardou-se, as pessorrencias dos traga-mouros sumiam-se. Depois enfuriaram-se por haverem sentido panico.

Ora o governo portugês, como o espanhol, calca um terreno que João Franco e Maura semearam d'odios. E a teoria que Pablo Iglesias sustentou no parlamento de lá, deriva da lição dada aos monarcas e aos povos na esquina do Terreiro do Paço, pela tarde de um de fevereiro. O atentado pessoal entra dentro da Constituição, quando o imperante sae della. E' um logar que que só pode estar occupado pela Liberdade, ou pela Revolução.

Que temos nós, republicanos, a esperar, do sr. Teixeira de Souza? A supremacia do poder civil? E' curto d'enxundias mentaes para a craveira do marquês de Pombal.

A derrogação das leis de exceção? Liberdade de cultos? Imprensa livre? Sufragio limpo? Penitenciária aos colegas da camara dos pares? Não que o sr. Teixeira de Souza vem conservar, não se destina a revolucionar.

Ademais a monarquia, aqui como em Espanha, entrou no periodo da instabilidade ministerial. O gabinete pôde obter maioria. Mas uma maioria nem sempre é uma força, como não é força um governo quando não representa um pensamento. O sr. Teixeira de Souza apenas representa transigencias.

Traz do seu passado um mau lastro, e para cremos em promessas, deviamos ter perdido a memoria do franquismo.

As procissões laicas que atravessaram, ha duas semanas, as cidades espanholas, não eram uma apoteose a Canalejas. Eram um aviso á monarquia clerical e reaccionaria. Era a prova que a Espanha moderna oferecia á Europa, de renegar a sangoeira da ditadura maurista e o assassinio de Francisco Ferrer. Foi um acto grandioso, mas não se apressem. Talvez o vejamos repetir contra a burla que Canalejas prepara.

Os venerandos do Supremo

As primeiras pêras da liberdade.— Eleitoressem eira nem beira.— Acatando a magistratura.— O melhor dos protestos.

Raiando a aurora da liberdade sob os auspicios do ministerio Teixeira de Souza, o Supremo Tribunal de Justiça, areopago d'anciãos, branquejando de canicie, ou com chorinas de cadexos postigos, derreados de sapiencia e honrarias, num traço de pena riscaram do recenseamento obra de 2.000 eleitores tripeiros. Da vez passada outrotanto succedeu a uns 1.900 e pico. Cheiravam a jacobinos... ao refugo com a peste.

Ouçõ gritos d'eunucos violados e bramidos de cerva, que

na sua dôr significam : — «Mas que tem o governo com as sentenças do Supremo? Os poderes d'estado são independentes.» ?

Ora essa. Independentíssimos! Ha lá presidente do conselho que trate o legislativo como uma servilheta! Porventura existiu ou vive rei brigantino que traga o executivo á corda! Acaso appareceu ministro que faça bailar á sua guisa o Supremo!

Um unico poder se acha sem independencia, coacto : — O moderador. Afirmam-no progresistas, franquistas, nacionalistas e henriquistas. Falta um Costa Cabral e um José dos Conegos a insurreccionar a tropa para libertar o monarca prisioneiro.

Corre que o fundamento da sentença se basea em que os 2.000 maleantes não provaram que eram portuguezes. E o Supremo, salteado do tremendo pavor duma invasão estrangeira enfiada á sucapa no parlamento, e pondo a independencia e as mulas de Altér em leilão, abrasou-se em patriotismo, e deu cabo do contrabando. Eu acho justo.

O demonio é que, para provar a nacionalidade portugueza, talvez seja preciso tirar passaporte no consulado espanhol. A respetiva certidão d'edade parece que não vale. Nada mais simples que meterem-se todas as noites pelo Minho e Douro abaixo uma centena de galegos ou leonêses recém-nados, e virem baptisar-se á Sé do Porto.

Quando toca a pagar o tributo de sangue, a junta d'inspeção não pergunta ao recruta se elle é portuguez. Apura-o. O pobre diabo é que é forçado a demonstrar — se assim o intende — que nasceu estrangeiro. A's vezes a cangarilhada entrança-se de taes liames, que o ministro Schroeter nunca soube de que terra era.

*

* *

Cá no Porto, o eleitor é tratado como um cão. Pensam que traz no bolso obrigações do Credito Predial.

Para que o inscrevam, marralha com o regedor, joga os coscorrões com o abade, aguça a lombada nos portaes de todas as repartições, o notario encara-o como se elle fôra requisitar

uma escritura falsa, e por ultimo o Supremo exige-lhe a marca da fabrica nacional.

Seria mais simples um aditamento á lei, obrigando o cidadão a jurar fé monarchica. Jurava? Pois a votar. Negava-se? Decidia o tribunal que o requerente falecera ainda no ventre materno.

E' que nas proximas eleições camararias, os republicanos do Porto ameaçavam vencer com lista completa. E o blóco monarchico, aqui formado por occasião das eleições parochiaes por todos os grupos politicos, não quer perder a luta. Choverão telegramas para a estranja com estes dizeres: «Na segunda cidade do reino os republicanos perderam a sua representação municipal. A ideia monarchica progride.»

E lembrar-se a gente que, nesse particular, João Franco nos não roubou. Perdeu a eleição honestamente!

*

* * *

As comissões republicanas do Porto anunciam um protesto. Pois protestemos.

Mas...

Eu conto. Atravez da minha vida de fundibulario da imprensa, discuti e ataquei, mais duma vez, rei e ministros, conselheiros d'estado e policias, autoridades e instituições. Suportei processos, e em lances varios, sentenças absolutorias me livraram das aperturas da lei.

Porém, por acaso apalpava uma toga de juiz para lhe vêr o forro. E por mais delicadamente que a sacudisse, fosse o juiz do Supremo ou do Tribunal de Verificação dos Poderes, juiz de Paredes ou da Regua, arrecadava sempre uma condenação.

O espirito da classe dominava. A ofensa enderessada a um delles, atingia, pelo visto, a corporação em peso. Levei na cabeça com os mais estapafurdios considerandos.

Até paguei pelo Lambaça! o Lambaça de quem se riu o paiz inteiro! o Lambaça que acabou por se rir de mim!

De maneira que ao ouvir falar de juizes, sou como um cor-deiro de mansidão!

Quanto tem custado a organização do recenseamento? Quantas canseiras, tempo perdido, dedicações consumidas, e contos de reis, que uma penada dos venerandos do Supremo inutilisa?

Pois eu conto.

Numa das povoações d'Espanha, vizinhas da fronteira — referiu-me o passo individualidade de todo o credito — mora um velho juiz aposentado, homem discreto, conversador, amigo da chalra, e de se distrair nos refolhos de demorada palestra.

Costuma elle inquirir de forasteiros e visitas qual o matiz de suas opiniões politicas. Quando acontece defrontar-se com um republicano, insiste:

— Então, republicano de verdade?

— Sim, senhor — o outro acentua.

— Republicano decidido, de raiz?

— Sim, senhor.

— E já comprou uma carabina?

— Nada. Não comprei.

— Pois então, o senhor não é republicano! — conclue o velho muito serenamente.

Que cá para mim, quanto a protestos e a dinheiros gastos no recenseamento, o espanhol deve ter razão.

Os padres de Viseu

Apresentação dum casal.

Anda a imprensa em maré de felicidades. Condenação da *Voz da Oficina* em Viseu, condenação do *Povo d'Oeiras*, processos do *Xuão*, em Lisboa, processos á bica do *Mundo*, e cadeia ao director do *Pais*.

O caso de Viseu, que já não é o primeiro, merece um minuto de pausa. Grunhe naquelle povoado uma vara de clérigos

que ocupam os descansos de almofaçar as ancas das amas, denunciando aos tribunaes pretensos crimes contra a religião do estado. Uma gazeta local discute serenamente a historia da formação dum dogma no seio da sociedade cristã. Os padres denunciam O tribunal condena.

Estes familiares do Santo Officio, malsins da policia eclesiastica, tem feito da antiga cidade de tradições liberaes, uma cloaca canonica. Ergue-se num dos largos a estatua de D. Antonio Alves Martins, o honesto e rigido trasmontano, bispo avesso á fradaria.

Pois a clericalha visiense, odiando a memoria do seu adversario, meteu uma noite as mãos na consciencia, e limpou-as depois no pedestal da estatua. Com nojo verificaram ao outro dia os habitantes da cidade, que no monumento escorriam fêzes diarrêicas!

Em comicio republicano efetuado em Vizeu, tive ensejo de observar dois curiosos exemplares da especie, merecedores de jaula e mostra a pataco por cabeça. Ambos tonsurados, ambos bachareis. Sempre sae daquella Coimbra cada pevide de ténia!

Da parelha, não recordo o nome do primeiro individuo que me apontaram como advogado, e acusador num dos processos por ofensas á religião. O segundo, formado em teologia, parece-me que lhe chamavam Miguel, ou Gertrudes, e redigia uma folha de coive, deposito de lixo, calunias e bestidades.

Ambos sentiram cocegas no gasnete. Quizeram falar. Nunca avistei figura mais grotesca que o advogado.

Pegava-se no trote, não desentupia os gorgomilos, não começava nem arrematava um período. Gaguejava, pendia a lingua fóra da boca, bamboava-a á cata de moscas, recolhia-a á caverna pelo insucesso da busca, coçava o cangote, tornava a repuxar a lingua, lambia os beiços... e nada. Nem asneiras trazia no colombo. Era um brejo sêco.

A certa altura, como as gargalhadas esfusiassem, saiu-se com esta: — «Eu não sei falar!» E quem o desinquietara? Seria turvação do tonel!

O outro, o Miguel, ou Gertrudes não estou bem certo, ti-

nha mais loquela. Engranzou banalidades que giram por todos os papeluchos da côr, e misturou Galileu e Pasteur, Cuvier e Moigno, uma procissão d'engrimanços que aturdiam pelo não senso.

Era uma cara pôdre, dentes roídos da carie e encrustados de verdete, um fetido de muita podridão interna, e mau latim estragado em tal salmoira.

Ambos juntos não somavam talento nem sciencia para um sacristão. A oratoria do primeiro daria bem a surdos mudos, porque não usava as cordas vocaes; a do segundo talvez faça furor nas salas do paço episcopal ou mergulhe em extasis beatas analfabetas, velhòrras e que gostem do fartum a raposinho e alho.

*

* *

Emquanto os jornalistas republicanos são metidos na cadeia, ou forçados a emigrar, ou punidos com pesadas multas, os clerigos que passeiam pela imprensa denuncias e iurias, gozam da impunidade.

Raro é o dia no qual, ao tratarem dos direitos da corôa em materia eclesiastica, estes direitos não sejam negados ou combatidos, crime a que pelo artigo 137.º do código penal compete «pena de prisão de um até dois annos, e multa de tres mezes até tres annos.»

Assim como ao arcebispo de Braga por haver executado «determinações da curia romana, sem ter precedido beneplacito regio» cabia por abuso de suas funções, multa segundo o seu rendimento dum até tres annos.

E' de justiça que o tratamento desigual seja para os dois campos. Honra é a cadeia, quando os profissionaes da calunia e os ladravazes de bancos vivem á solta.

